

# O coração do Brasil grita por socorro

## XINGU

Casal inglês navega 2,5 mil quilômetros pelo rio e repercute a dor dos indígenas

CAROLINA MENEZES  
Da Redação

Com imagens e relatos emocionantes, contar ao mundo que, sem índio, não há floresta, e alertar as autoridades sobre a falta de preparação das comunidades indígenas para a aproximação com a cultura contemporânea. Com essa ideia em mente, os ingleses Sue e Patrick Cunningham tiveram uma ideia ousada sobre como saber em que pé anda a vida dos índios nas poucas comunidades que ainda restam pelo país. Intitulado "Heart of Brazil", ou "Coração do Brasil", o projeto se iniciou em fevereiro, logo depois que o casal comprou uma pequena voadeira, encheu-a de galões de gasolina, comida, dinheiro e o que mais desse, e dispensando até o uso de salva-vidas, começou a navegar os 2.500 km de extensão do rio Xingu, desde sua cabeceira, no Mato Grosso, até sua confluência com o Rio Amazonas. No caminho, visitaram nada menos que 48 tribos e ouviram, em 16 línguas diferentes, seus medos, pavores, suas festas, alegrias e tomaram um pouco de sua riquíssima, porém ameaçada, cultura.

Para tirar a ideia do papel, o casal inscreveu o projeto no *The Royal Geographic Society*, uma organização inglesa que investe em estudos e pesquisas que possam ajudar a uma melhor compreensão do mundo em que vivemos. Foram aprovados e ganharam uma quantia em dinheiro que bancou os equipamentos necessários à expedição, que durou cinco meses. Outras duas frentes, a *Rainforest Concern* (que trabalha em prol da Floresta Amazônica e das comunidades indígenas que dependem dela) e *Artists' Project Earth* (APE - cujo lema é algo como "por um mundo melhor através do poder da música e da arte do século 21"), também se sensibilizaram com a ideia de Sue e Patrick e decidiram ajudar com algumas doações.

Ela, Sue, fotógrafa profissional, fala português fluentemente, afinal de contas, há mais de 20 anos vai e volta de Londres, onde mora com o marido, para acompanhar a situação dos indígenas no Brasil. Patrick, que é geólogo, ainda não fala português tão bem quanto a esposa, mas é tão en-

gajado quanto ela. "Não posso ajudar diretamente, nem dar dinheiro. Mas não é justo que as comunidades se desfaçam por conta dos desmatamentos, das invasões dos fazendeiros, das barragens das usinas hidrelétricas enquanto as autoridades responsáveis ficam dizendo que não sabem do que se passa com eles. Pois é esse o motivo dessa viagem, é fazer com que eles saibam de tudo, porque eu vou mostrar cada foto e repassar cada relato ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama) e à Fundação Nacional do Índio (Funai), em Brasília", garante a inglesa.

## FUTURO

"Tem muita gente boa tentando ajudar, tem mesmo. Mas não é só dar alguma coisa, construir algo. Fizemos essa viagem porque pensamos: 'como vai ser o futuro deles?' Nós não queríamos ir em tempo de festa, não queríamos coisa para inglês ver. E fomos numa época comum e descobrimos que espiritualmente, eles vão muito bem, obrigado. Eles fazem festas em dias normais, como o Festival da Taquara, quando eles passam de casa em casa dentro da comunidade, tocando uma flauta e dançando de baixo de um sol muito forte. E quando você acompanha esse ritual, você sai leve, energizado. Eles vão dançando e é tão bonito, colorido, eles formam um colar, uma espécie de colar espiritual", relembra Sue, que fez milhares de fotos durante a viagem. "As pessoas não entendem, índio e meio ambiente, um não existe sem o outro. Se você tira o índio, a motosserra entra".

No entanto, quando sentava e perguntava "como estão vocês?", vinham os apelos. "Eles têm medo do desmatamento, da barragem prevista para a cabeceira do rio por causa da hidrelétrica de Belo Monte. Sabe, em vez de gastarem dinheiro para fazer a (hidrelétrica) de Tucuruí funcionar plenamente, não. Eles vão gastar dinheiro e prejudicar todo um ecossistema. Não existe levantamento sobre como isso vai afetar a população e o meio ambiente. Ninguém foi às aldeias, não se sabe o que acontecerá com os animais e florestas da área, o quanto o dióxido de carbono e o metano que saem das hidrelétricas vai prejudicar a qualidade do ar", explica Patrick. "Imagina o cara que mora numa barraca na beira do rio. Se muita gente ainda não foi indenizada por causa da barragem de Tucuruí,



Pintadas de genipapo, as meninas índias do Xingu se exibem em um ritual organizado especialmente para os visitantes

imagina esse! Nós saímos nessa viagem para mostrar essa situação à mídia, às ONGs, para quem eu puder. Eu jurei que faria isso", diz a fotógrafa.

Outro fato preocupante é o choque entre a cultura indígena e a contemporânea. "Eu cheguei numa tribo e vi um índio, agoniado, pintando seus vasos, apressado, e com tinta guache. Perguntei o porquê daquilo. E ele me disse que queria ir para São Paulo vender a cerâmica para comprar uma moto... E eu perguntei como ele iria pagar pela gasolina, pela manutenção. Ele ficou me olhando, sem entender. Ou seja, eles não entendem como as coisas funcionam! Olham o pilantra se dando bem na novela e acham que podem viver daquele jeito, não entendem que aquilo ali não é real! Uma mãe sentou comigo e chorou ao contar que o filho está bebendo. Viaja para vender seu artesanato, é marginalizado por conta dos traços indígenas que possui, se mete com outras criaturas marginalizadas pela sociedade e é estimulado a beber. Come a comida que comemos e acha que só aquilo que é bom, que o que ele come na comunidade dele não presta", relata Sue. "É preciso que gente da Funai e do Ibama se aproxime, fique perto deles para saber o que está havendo", explica ela, que seguiu, na última quinta-feira

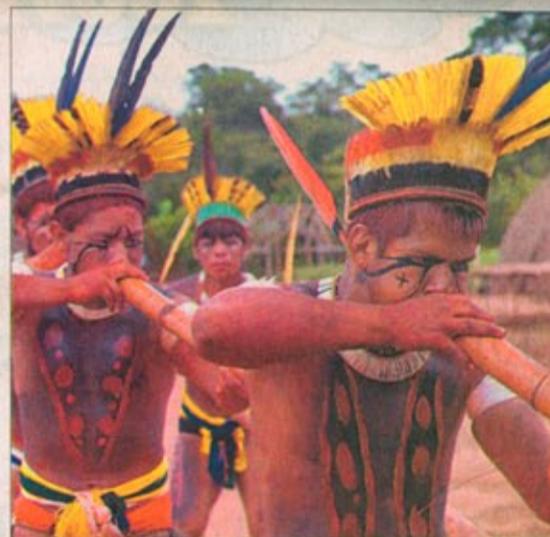
para Brasília a fim de mostrar tudo o que recolheu de informação nesses cinco meses.

## RELATOS

A cada visita, Sue e Patrick foram extremamente bem recebidos, como se pode ler nos relatos que eles escreveram no blog [ipcst.wordpress.com](http://ipcst.wordpress.com) durante a viagem, mas a jornada teve seus dias ruins. "Em alguns dias, não tínhamos comida, o Patrick foi atacado por um bocado de piuns (uma espécie de mosquito cuja picada é bem dolorosa), chegamos a ser assaltados em uma das visitas, o que deixou os índios daquela comunidade bastante chateados e constrangidos. Mas eu estou feliz com os resultados, já tenho uma mostra dessas imagens marcada para o dia 9 de outubro, em forma de exposição, na embaixada brasileira em Londres. Já fui contactada por universidades americanas e europeias para ministrar palestras sobre a viagem", conta ela. Nos sites [www.ipcst.org](http://www.ipcst.org) e [www.bbc.co.uk/portuguese/forum](http://www.bbc.co.uk/portuguese/forum) (link "Projeto Xingu") é possível conferir algumas das imagens registradas por Sue e das muitas histórias que eles têm para mostrar ao mundo. "Precisamos respeitá-los, ter orgulho dos índios, pela cultura, pela sabedoria. Nesses 20 anos, eu aprendi muito", confessa.



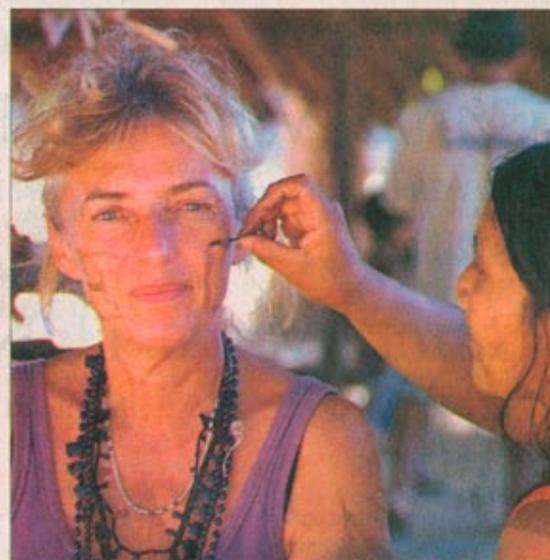
Crianças índias se acercam de um ancião para a foto



Os índios se exercitam em um ritual de ritmo e cores



Pintados e dispostos, os índios adultos mostram aos visitantes um dos seus rituais: "Não há meio ambiente sem os índios"



Solidária, Sue Cunningham dá o rosto para a pintura